

# A guerra civil e seus determinantes quantitativos

Artur Zimmerman

As guerras civis no mundo atual constituem-se no tipo de violência coletiva mais usual e que mais mata. No entanto, pesquisa-se pouco sobre o assunto em comparação com as guerras interestatais. Recentemente, a academia norte-americana e escandinava principalmente, tem trabalhado o tema das guerras civis a partir de uma abordagem quantitativa. Partindo deste foco, buscaram-se os determinantes de tais guerras para que políticas públicas sejam criadas com o intuito de se evitar o derramamento de sangue nos conflitos civis. Países em que ocorre esse tipo de guerra geralmente são pobres, dependentes da extração de recursos primários, recém-independentes ou com conflitos recentes, com regimes políticos instáveis e não consolidados, localizados parcialmente ou totalmente em áreas montanhosas e com pouca heterogeneidade etno-lingüística e religiosa, dentre outras características. O artigo analisa tais variáveis em consenso e em discussão na literatura, para que o leitor seja informado do que pode levar um país a entrar na guerra civil em tempos modernos.

Palavras-chave: Palavras-chave: Guerra civil; Literatura quantitativa; Conflito armado.

*Civil wars at the present time are the type of collective violence more frequent and which cause most deaths since the World War II. Nonetheless, little research is done on this subject when compared to interstate wars. Lately, mainly the North American and Scandinavian academy have dealt with the civil wars subject, in a quantitative approach. From the results of this methodology, public policies could be created with the objective to reduce the bloodshed in civil conflicts worldwide. States which have experienced civil wars are poor, dependent on the extraction of primary resources, within few years of its political independence, have passed through other conflicts lately, with unconsolidated and unstable political regimes, located in mountainous terrain, and with little ethno linguistic and religious heterogeneity. The main objective of this paper is to analyze these variables, some unanimous, some in discussion in that literature, informing the reader of what could make a country be trapped into a civil war in modern times.*

Key-words: Civil wars; Quantitative literature; Armed conflict.

*[...] talvez a razão mais importante pela qual os cientistas políticos devam estudar a guerra civil é que ela representa a falha do sistema menos entendida nos processos políticos domésticos; é a desordem das normas sociais sem paralelo na política doméstica e com implicações relevantes para a estabilidade dos sistemas regionais e manutenção da segurança internacional.<sup>1</sup>*

*(Sambanis 2001, p.4)*

**Artur Zimmerman** é professor e pesquisador da Universidade Federal do ABC (UFABC). É doutor e pós-doutor pelo Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP).

O elevado número de guerras civis e o alto índice de mortes nessas guerras impulsionam pesquisadores a estudar tal fenômeno. Estima-se que mais de 90% das mortes relacionadas com guerras, na década de 1990, são oriundas de guerras civis. Somente na África Subsaariana, 20% da população vivia em países afetados diretamente por essas guerras (World Bank 2001). E apenas no século XX elas foram responsáveis pela morte de cerca de 134 milhões de pessoas, o dobro das vítimas das guerras interestatais (Rummel 1994), ao que se somam ainda inúmeros refugiados e migrantes forçados, além dos feridos.

O período ressaltado na figura pelas linhas pontilhadas, caracterizado pelo aumento do número de guerras civis,

## Quadro 1 Tipologia da violência política interna de massas

		Propósito da violência	
		Rendição	Extermínio
Produção da violência	Unilateral	Terror de Estado	Genocídio e limpeza étnica
	Bilateral ou Multilateral	Guerra civil	Extermínio recíproco

Fonte: Kalyvas, 2000, p. 35.

começou a ser estudado pela literatura quantitativa nos anos 1990, abordando principalmente a eclosão e os determinantes desse tipo de evento. No decorrer desse artigo, daremos ênfase ao período compreendido entre os anos 1969-1997, pois esse foi o período que houve um aumento significativo nas eclosões de guerra civil, e também pela possibilidade de encontrar dados para tal análise.

Em situações belicosas desse gênero, a condição geral das pessoas se torna mais vulnerável e comprometida, a economia local e regional é duramente afetada, doenças são mais facilmente transmitidas, há ocorrência de desnutrição e dificuldades para receber (ou para comprar) alimentos, e o desrespeito à lei é comum.

Além disso, as guerras civis se dão geralmente em países pobres, dependentes da extração de recursos primários, recém-independentes ou com conflitos recentes, em regimes políticos instáveis e não consolidados, com extensas áreas montanhosas e pouca heterogeneidade etnolinguística e religiosa, dentre outras características, como veremos a seguir na discussão da literatura. Contudo, é importante frisar que nem todos os países com essas características passam por guerras civis.

A definição de guerra civil mais aceita na academia é a de que ela “é um conflito armado entre dois atores domésticos sobre uma ‘incompatibilidade contestada’ [=discordância sem perspectiva de solução pacífica], resultando em um número de mortes que ultrapasse certa quantidade” (Gates 2002, p. 4). Ou seja, dois ou mais atores lutam entre si, com armas, para controlar o território e as pessoas que nele vivem, ocorrendo muitas mortes como resultado

desse confronto.

Após definir o que é guerra civil, seria interessante afirmar o que ela não é, excluindo assim o que não entraria em nossa definição, isto é, o que se refere à violência interna. Para tanto, adotamos a classificação de Kalyvas (2000), que diferencia tipos de violência interna. A guerra civil é um caso de violência instrumental, ou seja, tem por objetivo a rendição do inimigo, podendo ser bilateral ou multilateral. Outros tipos de violência interna que não se enquadram na categoria de guerra civil e, portanto, serão descartadas nesta investigação empírica, são: terrorismo de Estado (que apesar de instrumental é unilateral), genocídio e limpeza étnica (que é unilateral e não instrumental) e extermínio mútuo (que também não é instrumental, ainda que bilateral).

### Determinantes de guerra civil

Os estudiosos da literatura quantitativa de guerras civis publicaram inúmeros artigos referentes às variáveis estruturais que determinam o início de guerras civis, atingindo consenso em relação a uns e dissenso em relação a outros (quadro 2.1). Abordaremos alguns dos determinantes mais discutidos e utilizados pela literatura. O quadro 2.1 traz informação condensada dos fatores que facilitam ou dificultam o início de guerra civil considerados pela literatura que trabalha com abordagem quantitativa, bem como as variáveis mais utilizadas nesse debate. Em seguida, detalharemos cada um dos determinantes mencionados.

#### Fatores econômicos

##### Renda *per capita*

Dos três fatores econômicos mais discutidos na literatura (renda, dependência de recursos naturais e ajuda internacional), a renda *per capita* é a variável mais utilizada pelos pesquisadores. Usualmente ela é considerada nas análises estatísticas.

Poderíamos afirmar que isso ocorre porque esses dados são de mais fácil acesso e coletados de maneira uniforme em quase todos os países, o mesmo não ocorrendo com os outros fatores.

Será que há diferença entre países com renda alta e baixa na propensão a iniciar guerra civil? A Tabela 1 mostra que as guerras civis que ocorreram no período observado (1969-1997) iniciaram-se (basicamente) via de regra nos países mais pobres, e que à medida que a renda *per capita* aumenta, a incidência de guerra diminui. Em países mais ricos quase não há esse tipo de evento (exceto por Reino Unido

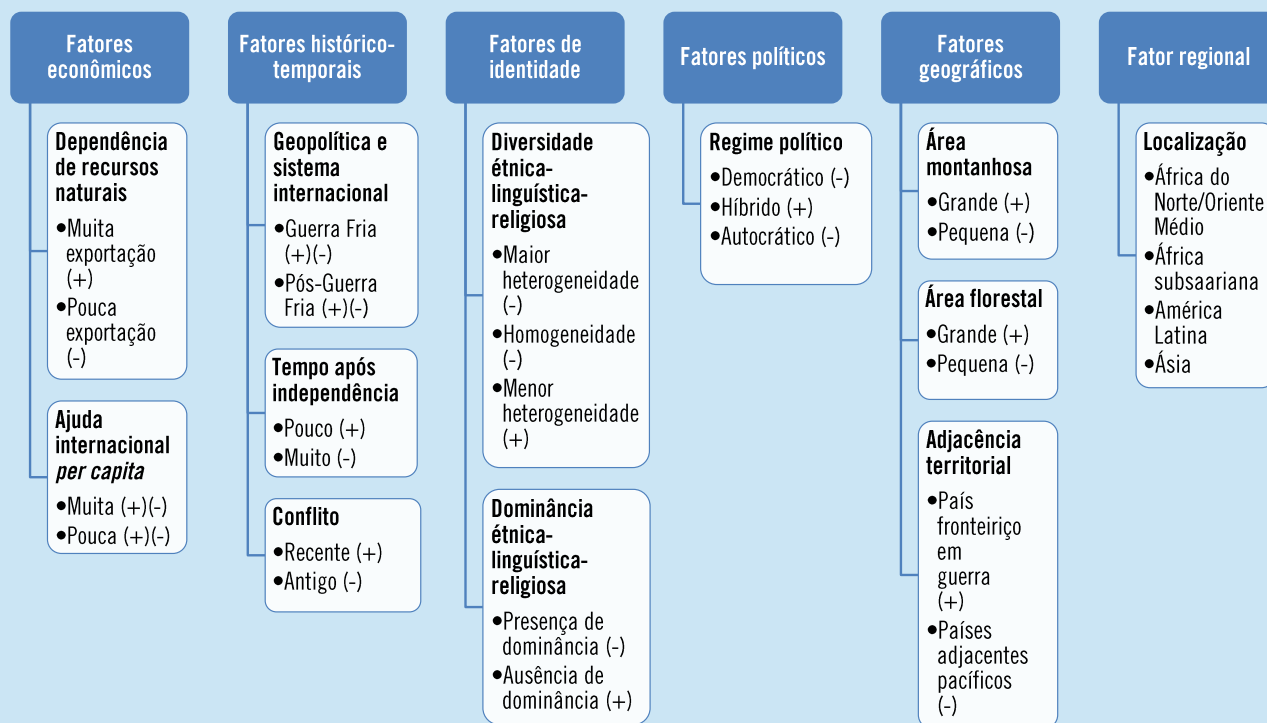
## Tabela 1 Renda *per capita* e início de guerra civil Número de eclosões de guerras civis (1969-1997)

	Nível de renda <i>per capita</i> por quartil				TOTAL
	1	2	3	4	
Ocorrências de início de guerra civil	26	23	14	2	65

Fonte: Autoria própria com base em dados de Heston, Summers, Aten (2002) e Fearon e Laitin (2001).

## Quadro 2

# Determinantes da guerra civil presentes na literatura quantitativa



Fonte: Autoria própria

<1969 – 8.31> e Argentina <1973 – 5.93>, medido por Heston, Summers, Aten (2002), em variável chamada de GDPEN 5.6<sup>2</sup>).

A Argentina, em 1973, se enquadrava no quartil mais elevado de renda, juntamente com o Reino Unido e outros países de alto potencial econômico, de acordo com a medida explicitada. Na época da eclosão das respectivas guerras civis, o Reino Unido possuía cerca de 55 milhões de habitantes, e a Argentina tinha aproximadamente 25 milhões (este é um dos referenciais pelos quais se calcula o GDPEN<sup>3</sup>)<sup>4</sup>.

As razões pelas quais países mais pobres têm mais probabilidade de vivenciar uma guerra civil não foram suficientemente elucidadas pela literatura que estamos pesquisando. Elbadawi e Sambanis (2002a) sugerem que, em países mais pobres e desiguais, muitas vezes, os jovens do sexo masculino<sup>5</sup> que estão desempregados ingressam em grupos rebeldes em troca de salário e condições de sobrevivência.

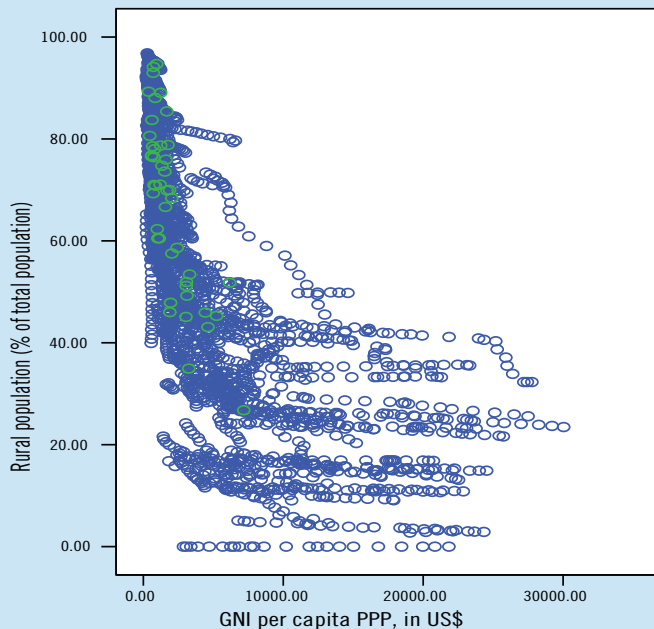
A renda parece relevante, e muitos dos autores a incluem em suas análises. Praticamente todos os estudos utilizam a renda *per capita* como variável de controle.

Porém, ela não explica por si só todo o início de guerra civil. Se assim fosse, a incidência das guerras civis teria diminuído e não aumentado. Isso porque a renda *per capita* tem aumentado em todos os países do mundo em desenvolvimento, nos últimos 50 anos. Entretanto, o número de conflitos armados (pelo menos até meados dos anos 1990) também aumentou. Devemos, portanto, reconhecer as limitações dessa variável, e, assim, deve ser utilizada com cautela e explicada em seu devido contexto.

No entanto, vários países de baixa renda e com alta proporção de população rural se envolvem com maior facilidade nesse evento, como podemos visualizar no gráfico de dispersão que compõe a Figura 1.

Na linha vertical, tem-se a porcentagem da população rural em relação à população total. Na horizontal, a renda *per capita* controlada pela paridade do poder de compra.<sup>6</sup> Os círculos verdes representam o ano de início de uma guerra civil, entre 1969 e 1997, e os azuis, cada unidade país-ano em que não se iniciou guerra civil. O diagrama pode ser traduzido da seguinte maneira: as unidades país-ano mais afetadas pelo início de guerra civil são aquelas que têm renda *per capita* anual muito baixa (a maioria

**Figura 1**  
**População rural, renda e guerra civil**  
**Gráfico de dispersão. Unidade: país-ano**



Fonte: baseado em dados do Banco Mundial e em Fearon e Laitin (2001)

com menos de US\$ 4.000, e algumas poucas chegando até os US\$ 7.000). Além disso, grande parte dos países que se envolvem nesse tipo de guerra tem elevada quantidade de população rural.

#### Dependência de recursos naturais

Enquanto alguns estudiosos afirmam que países com recursos escassos podem ter mais facilidade para entrar em guerra civil (Homer-Dixon 1999), outros dizem que a abundância deles é que conduz ao conflito, pois tais recursos serviriam para financiar rebeliões e enriquecer seus líderes (Collier e Hoeffler 2002a; Le Billon 2001). As explicações baseadas no sentimento de injustiça e na cobiça

alimentam a controvérsia entre as duas posições descritas acima. Em suma, a guerra é custosa e, para financiá-la, é necessário que se tenha uma entrada de capital por meio da venda de matéria-prima ou de produtos finais.

A guerra civil pode ocorrer quando um ou mais grupos rebeldes e o governo competem pelo controle do território onde há produtos primários valiosos em grandes quantidades, sejam lícitos ou ilícitos, como minas de diamantes, ouro, petróleo, ópio e cocaína. O controle do governo se torna mais fácil quando há, no país ou área em questão, recursos naturais concentrados, como petróleo, do que quando os recursos naturais estão dispersos pelo território, como drogas ilegais, madeira e diamantes. A extração de diamantes financiou guerras civis em Serra Leoa, Angola, Libéria e na República Democrática do Congo. A extração de madeira bancou vários conflitos em Burma, Camboja, Libéria e Filipinas, enquanto as drogas ilícitas custearam conflitos no Afeganistão, Cáucaso, Colômbia, Curdistão e Tadjiquistão (Buhaug e Gates 2002, p.420).

#### Ajuda internacional

A ajuda internacional aos países pobres é uma variável econômica também presente na literatura. Enquanto alguns autores afirmam que quanto maior a ajuda, menor o índice de guerra civil, outros mostram o contrário. A princípio, parece que a primeira versão seria a mais convincente, pois com ajuda econômica, o governo acalmaria as inquietações do momento, distribuindo recursos e 'apagando o fogo' do qual poderiam germinar sementes de conflito que desencadeariam em guerra civil. Os recursos deveriam atingir seu fim, reduzindo o nível de corrupção e desigualdade tão característico desses países, diminuindo a ânsia de mudança por meios violentos.

A Tabela 2 mostra a relação entre ajuda internacional e início de guerra civil, entre os anos 1969-1997<sup>7</sup>. A tabela está organizada por quartis, sendo o primeiro de menor ajuda<sup>8</sup> e o último de maior ajuda internacional.<sup>9</sup> Pode-se perceber facilmente que quanto menor a ajuda in-

**Tabela 2**  
**Ajuda internacional e início de guerra civil**  
**Número de eclosões de guerras civis (1969-1997)**

	Ajuda internacional por quartil				TOTAL
	1	2	3	4	
Sem início de guerra civil	676	679	683	686	2724
Ocorrências de início de guerra civil	20	18	14	11	63
Total	696	697	697	697	2787

Fonte: Autoria própria com base em dados do Banco Mundial e de Fearon e Laitin (2001).

ternacional, maior o número de inícios de guerra civil, e quanto maior a ajuda, menor esse número. Isso ocorre de maneira linear em todos os quartis. Já os países-ano que não tiveram guerra civil têm uma distribuição normal (variando entre 676 e 686, num total de 2.724 não-inícios de guerra civil), quase sem variação de um quartil a outro.

Apesar de a última tabela indicar uma direção específica na associação entre ajuda internacional e início de guerra civil, nos últimos anos estudiosos argumentaram que a ajuda internacional frequentemente não alcança seus objetivos, pois atinge pessoas que não eram o alvo e contribui para mais corrupção e violência, justamente para que se mantenha esse fluxo contínuo de verbas internacionais.<sup>10</sup>

Há algum tempo uma visão determinista afirmava que a guerra civil era resultante de ódio religioso e étnico, nada podendo ser feito para preveni-la. Porém, pesquisadores do Banco Mundial tentaram substituir esses supostos fatores identitários como determinantes de guerra civil por fatores econômicos, conseguindo comprovar essa idéia em suas pesquisas (Collier *et alii* 2003). Não se pode ignorar questões de heterogeneidade etnolingüística e religiosa, mas o contexto da pobreza é o que levaria países com diferenças étnicas a se radicalizar e entrar em guerras civis que perduram por anos a fio. Ao observarmos países ricos, como Canadá, Bélgica e Suíça, com grandes minorias étnicas e lingüísticas, vemos que nem por isso eles entraram em guerra civil no período estudado (1969-1997). Porém, devemos ser prudentes e afirmar que os fatores econômicos não são suficientes como determinantes às guerras civis, mas são necessários, em conjunto com outros fatores, que veremos adiante.

### Fatores histórico-temporais

Como os trabalhos quantitativos sobre guerras civis geralmente abrangem quatro ou cinco décadas (a partir da Segunda Guerra Mundial) e o período que esse *paper* abrange é menor (29 anos, dentre o período de crescimento deste fenômeno), recomenda-se dividir o período estudado para não incorrerem em problemas metodológicos<sup>11</sup> estudando apenas a época que ocorreu um grande número de guerras civis, e não um período mais extenso. Por isso, esse item inclui 3 períodos históricos diferentes, como veremos a seguir.

### Geopolítica e sistema internacional

Autores contemporâneos, muitas vezes, tratam de distinguir as “velhas” guerras civis das “novas”, afirmando que aquelas que ocorreram após a Guerra

Fria teriam origem criminal, em contraste com aquelas ocorridas durante a Guerra Fria.<sup>12</sup> Eles dizem que, com o final da Guerra Fria, o apoio estrangeiro aos grupos rebeldes diminuiu drasticamente, e esses grupos foram forçados a gerar sua própria receita para não desaparecerem. Nessa situação, a diferença entre guerra civil e crime se estreitou bastante (Sørli, Gleditsch, e Strand 2005, p. 145). Porém, Kalyvas afirma que a distinção entre os períodos de Guerra Fria e pós-Guerra Fria, adotada por autores que defendem uma explicação motivacional – sentimento de injustiça ou de cobiça – para a origem de guerras civis é equivocada e carece de análises empírica e teórica condizentes (Kalyvas 2001), que ainda não foram realizadas.

### Proximidade da independência nacional

Uma distinção feita pela literatura e que merece ser analisada empiricamente é a relação da proximidade da independência de um país com a eclosão de guerra civil. Países jovens e que ainda não passaram pelo processo de *state building* são mais suscetíveis a conflitos internos violentos do que países que se formaram há muito tempo e que passaram pelas etapas de formação e maturação do processo político.

Pode-se observar na Tabela 3 que as guerras civis ocorreram em maior número a partir da Segunda Guerra Mundial, e que apenas 20% delas ocorreram em países que tiveram sua independência anterior à Primeira Guerra Mundial.

### Conflito recente

Quando há um conflito recente, o risco de reincidência é maior (Mason 2003) e, geralmente, ocorre pouco tempo após o término da guerra. Dessa maneira, a situação do pós-conflito, sempre que mal negociada, pode gerar insatisfação em uma das partes, que retorna à luta armada. Ou seja, após assinar um acordo para o fim da guerra, por pressões impostas, um dos lados pode sentir-se injustiçado, fortalecer-se e guerrear novamente. Por isso, são importantes a fase do pós-conflito e os termos de negociação

**Tabela 3**  
**Proximidade da independência e início de guerra civil**  
**Número de eclosões de guerras civis (a partir de 1914)**

	País independente			TOTAL
	1 Até 1914	2 1915-1945	3 A partir de 1946	
Sem início de guerra civil	1545	250	1813	3608
Ocorrências de início de guerra civil	14	6	49	69
Total	1559	256	1862	3677

**Fonte:** Autoria própria com base em dados da CIA e de Fearon e Laitin (2001).



e acordo. Nota-se que 69 guerras civis foram iniciadas em 50 países entre 1969 e 1997 e que 19 delas foram reincidentes, representando 27,5% de todas as guerras civis abordadas nesta investigação.

### Fatores de identidade

A princípio, pensava-se que a diversidade entre os grupos ocasionaria maior risco de violência civil em larga escala e de guerra civil. Entretanto, mais adiante se chegou à conclusão de que quanto maior o número desses grupos, mais difícil seria sua coordenação enquanto forças contrárias ao governo central e, assim, menor a probabilidade de violência civil coletiva na tomada do poder (Reynal-Querrol 2002). Portanto, embora se espere que a heterogeneidade estimule conflitos, muita heterogeneidade pode reduzir as tensões. Apesar disso, nas tabelas e gráficos que se seguem não pudemos identificar a trajetória como movimento U-invertido (valores baixos nas extremidades e altos no meio). Os valores demonstram movimento em ziguezague.

#### Heterogeneidade étnica

A Tabela 4 refere-se aos dados da heterogeneidade étnica, que representa o número de etnias dentro de um país que podem formar uma minoria significativa no Estado. Essa variável está dividida por quartis, indo do menor ao maior. No primeiro quartil (baixo número de etnias no país) há 9 guerras civis que se iniciaram no período estudado. Esse número aumenta para 20 guerras civis no segundo quartil, diminui para 13 no terceiro, e aumenta para 26 no último.

Tanto os dados da tabela 2.3, como das seguintes desse item fogem à compreensão teórica e dificultam uma interpretação coerente<sup>13</sup>.

#### Heterogeneidade religiosa

A Tabela 5 indica o índice de heterogeneidade religiosa, isto é, o número de religiões existentes no país, desde que, ao menos, constituam uma minoria. Como na tabela das etnias, essa também está dividida em quartis e não tem um comportamento linear. No primeiro quartil há 15 inícios de guerra civil, muda para 14 no segundo, aumenta poste-

riormente para 17 e chega a 21 nos últimos.

#### Heterogeneidade lingüística

A relação entre o número de línguas em um país e a ocorrência de guerra civil também não é linear, como indica a Tabela 6.

Se a teoria descrita anteriormente é verdadeira (quanto maior o número de grupos étnicos, lingüísticos ou religiosos, mais difícil torna-se a coordenação entre eles para o início de guerra civil), então como explicar a relativa grande quantidade de guerras civis na África, região caracterizada por uma alta diversidade étnica, religiosa e lingüística? A literatura nos mostra que na África Subsaariana, os fatores econômicos *per se* são os determinantes. As características de diversidade étnica, religiosa e lingüística não parecem ser significativas nesse caso (Collier e Hoeffler 2002a; Collier *et alii*. 2003).

Não conseguimos visualizar a relação entre as heterogeneidades e a eclosão de guerra civil nas tabelas e nos gráficos anteriores, pois, provavelmente, outras características associadas a diferenças religiosas, lingüísticas e étnicas influem nessa relação. Dois deles tem a ver com a forma de distribuição dos diferentes grupos e merecem destaque: a polarização e a dominância. O primeiro caso ocorre quando há dois grupos praticamente do mesmo tamanho com orientações polares. A literatura mostra que a polarização aumenta a probabilidade de ocorrer guerra civil. Porém, quando existem dois grupos maiores, mas eles não são polarizados, essa probabilidade é mínima. No segundo caso, quando um grupo é o dominante, representando de 45% a 90% da população total do país, há consenso entre pesquisadores de que a probabilidade de guerra civil aumenta significativamente (Collier 2000).<sup>14</sup>

A pesquisa sobre violência política tem mostrado que identidade de natureza étnica, lingüística e/ou religiosa constitui uma das pré-condições para que um grupo se mobilize para utilizar a força. As outras seriam a frustração (resultante de repressão e/ou sofrimento causado por diferentes fatores) e a existência de oportunidade (certa liberdade para se organizar, além de acesso a meios financeiros, armas e soldados) (Gurr 1970; Ellingsen 2000). Se essa identidade não coincide com as fronteiras territoriais

(originadas com o imperialismo e o colonialismo das grandes potências europeias, pela divisão de terras transoceânicas) - o que ocorre freqüentemente - um conflito pode surgir dentro do país. Dessa forma, havendo organização, recursos e oportunidade, o grupo, caso esteja frustrado, se mobilizará para a ação coletiva.

**Tabela 4**  
**Heterogeneidade étnica e início de guerra civil**

	Heterogeneidade étnica				TOTAL
	1	2	3	4	
Sem início de guerra civil	905	889	915	878	3587
Ocorrências de início de guerra civil	9	20	13	26	68
Total	914	909	928	904	3655

Fonte: Autoria própria com base em dados de Davenport (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

**Tabela 5**  
**Heterogeneidade religiosa e início de guerra civil**

	Heterogeneidade religiosa				TOTAL
	1	2	3	4	
Sem início de guerra civil	905	918	860	892	3575
Ocorrências de início de guerra civil	15	14	17	21	67
Total	920	932	877	913	3642

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Davenport (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

É importante, porém, lembrar que existem condições políticas que favorecem mais ou menos o surgimento de conflitos baseados em diferenças de identidades étnicas, religiosas e/ou lingüísticas. Os conflitos étnicos aparecem em todos os níveis de democratização, porém eles tendem a diminuir quando tais níveis aumentam (Vanhanen 2001, p. 5). Vale a pena mencionar que, no período do pós-Guerra Fria, muitos conflitos, principalmente no bloco comunista, reavivaram-se após a mudança do grau de democracia (em índice contínuo).<sup>15</sup>

### Fatores políticos

#### Tipos de regime político

Os fatores políticos ainda estão em discussão entre os especialistas, porém, a literatura tem avançado no tema. Enquanto Collier e Hoeffler (2002a; 2002b) não encontraram associação entre tipos de regime e início de guerra civil, excluindo essa variável de seus modelos, outros a encontraram. No entanto, esses primeiros autores provavelmente não descobriram associação curvilínea entre as variáveis por terem utilizado análises realizadas em períodos de 5 anos de intervalo (Sørli, Gleditsch, e Strand 2005, p. 156), e não anuais.

Países que possuem regimes híbridos (tipo misto que inclui elementos de autocracia e democracia concomitantemente) caracterizam-se por maior incidência de guerra civil (Hegre *et alii.* 2001), enquanto regimes autocráticos

e democráticos têm menor incidência (Fearon e Laitin 2003). Apesar de o termo utilizado na literatura ser *anocracia*, ele será substituído aqui por regime híbrido, melhor trabalhado conceitual e operacionalmente.<sup>16</sup>

A construção dos tipos de regime democrático, híbrido e autocrático provém do banco de dados *Polity IV* (Marshall e Jagers

2003). O banco confere anualmente uma pontuação a cada país de acordo com a competitividade do regime, forma de recrutamento do executivo e os limites impostos ao chefe do executivo. Os pontos dessas categorias são somados, gerando valores democráticos e autocráticos de cada país anualmente, e a junção desses dois valores gera uma variável chamada *polity* (que deu origem à nomenclatura do banco de dados). Cada pesquisador da área utiliza essa variável categorizando os tipos de regime de acordo com a pontuação obtida pelo país no ano específico. A literatura quantitativa de guerra civil geralmente divide os regimes em três categorias: democrático, híbrido e autocrático.

Para os propósitos operacionais desse artigo, entende-se por democracia consolidada aquela que conta com a presença de três elementos: participação política competitiva; escolha do executivo por meio de eleição; e limitação substantiva dos poderes do chefe do executivo (Marshall e Jagers 2003, p. 14).

O regime autocrático consolidado incluiria os seguintes elementos: redução ou supressão da participação política competitiva; escolha do chefe do executivo por seleção realizada pela elite política; e poucas restrições institucionais no exercício do poder político, a partir do momento de sua consolidação (Marshall e Jagers 2003, p. 14).

Por fim, o regime híbrido é uma mistura de elementos dos dois regimes políticos mencionados. Ele situa-se na escala intermediária da variável ordinal (localizado geralmente entre os valores -5 e +5, dentro dos extremos -10 e +10).

O mesmo raciocínio contido na teoria da paz democrática (mesmo que ainda seja objeto de discussão), segundo o qual países com regimes democráticos não guerreiam entre si (desde Kant 1795), poderia ser empregado na “teoria da paz autocrática”, o qual afirma que países

**Tabela 6**  
**Heterogeneidade lingüística e início de guerra civil**

	Heterogeneidade lingüística				TOTAL
	1	2	3	4	
Sem início de guerra civil	1116	647	910	883	3556
Ocorrências de início de guerra civil	17	13	18	19	67
Total	1133	660	928	902	3623

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Davenport (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

**Tabela 7**  
**Regimes autocráticos e início de guerra civil**

	Regime autocrático Polity -10/-6		TOTAL
	0	1	
Sem início de guerra civil	1958	1679	3637
Ocorrências de início de guerra civil	43	26	69
Total	2001	1705	3706

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Marshall e Jaggers (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

com regimes autocráticos guerreiam muito pouco entre si, o que explicaria o pequeno número de guerras interestatais entre países com esse tipo de regime (Bennett 2006). Podemos estender essas duas teorias ao âmbito interno dos Estados, arriscando a hipótese de que tanto a teoria da paz democrática como a da paz autocrática possivelmente podem ter vigência no plano nacional. Seguindo essa lógica, democracias consolidadas possuem canais pelos quais os cidadãos podem expressar sua indignação, sem serem fisicamente punidos, e votar nas eleições em partidos que possam satisfazer suas expectativas. A própria alternância no poder serve para “relaxar os ânimos”, já que dissidentes podem competir democraticamente para ocupar o governo num próximo período, sem necessidade do uso de força ou violência.

Na autocracia, a repressão é tão forte que os dissidentes não têm oportunidade de se rebelar. O tipo de regime que mais facilmente permitiria que rebeliões e guerras civis ocorressem seria o tipo híbrido: de um lado, a democracia não seria consolidada e, portanto, apesar de promover a liberdade de manifestação, essa liberdade seria restrita; de outro, uma repressão limitada, dada a ineficácia do governo e o alto custo da repressão.

As Tabelas 7, 8 e 9 mostram a correlação entre regimes e ocorrência de guerra civil.

Das 69 guerras civis iniciadas entre 1969-1997, 26 ocorreram quando regimes autocráticos estavam no poder, 12 quando regimes democráticos vigiam, e 31 sob regimes híbridos.

Devem-se ressaltar as diferenças de proporção de regimes políticos e de guerras civis iniciadas que aparecem nas tabelas anteriores.

Apesar de 20% de todos os regimes, no período estudado, serem híbridos, eles representam 45% do total das guerras civis iniciadas. Já os regimes autocráticos e democráticos representam, respectivamente, 46% e 34% do total de regimes e 38% e 17% das guerras civis iniciadas.

**Tabela 8**  
**Regimes híbridos e início de guerra civil**

	Regime híbrido Polity -5/+5		TOTAL
	0	1	
Sem início de guerra civil	2948	689	3637
Ocorrências de início de guerra civil	38	31	69
Total	2986	720	3706

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Marshall e Jaggers (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

Portanto, podemos extrair dos dados apresentados que países onde regimes híbridos vigiam na véspera do início da guerra civil têm uma tendência maior a se envolverem nesse tipo de conflito do que os países onde existiam regimes democráticos ou autocráticos. Se fôssemos hierarquizar a tendência à eclosão de guerras civis por regimes políticos, indo do menos provável ao mais provável, a ordem seria:

democracias < autocracias < híbridos

Há uma relação de regime e renda com a eclosão de guerras civis que não pode ser omitida. À medida que a renda do país com regime democrático aumenta, o risco de guerra civil diminui, enquanto ele permanece praticamente inalterado nos regimes autocráticos, não variando de acordo com a renda *per capita*.

Na Figura 2, a linha vertical do gráfico indica o logaritmo do risco relativo de conflito armado e a horizontal representa a renda *per capita* em dólares norte-americanos. À medida que a renda do país-ano aumenta, o risco de início de guerra civil, em regimes não-democráticos, diminui; e o risco de regimes não-democráticos entrarem em guerra permanece inalterado, sem variar com a renda *per capita*.<sup>17</sup>

O tipo de regime incide sobre a forma de reação do governo – repressiva ou tolerante – em relação ao recrutamento e mobilização dos combatentes e partidários da organização rebelde.

#### Repressão governamental

Para que haja guerra civil é preciso que as massas, especialmente de camponeses, sejam organizadas para a luta armada.<sup>18</sup> Se não há recrutados, ou se são muito poucos, dificilmente haverá uma ação coletiva, pois esta será fadada ao fracasso e reprimida logo de início, sem chances de tomar o poder político, nem de se transformar em guerra civil, adquirindo a “mera” conotação de protesto.<sup>19</sup> As organizações rebeldes têm de recrutar as massas para organizar



**Tabela 9**  
**Regimes democráticos e início de guerra civil**

	Regime democrático Polity +6/+10		TOTAL
	0	1	
Sem início de guerra civil	2393	1244	3637
Ocorrências de início de guerra civil	57	12	69
Total	2450	1256	3706

Fonte: Autoria própria com base em dados de Marshall e Jaggers (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

**Tabela 10**  
**Proporção de regimes e início de guerra civil**

Tipo de regime	Proporção de regimes	Proporção de início de guerra civil
Autocrático	46%	38%
Híbrido	20%	45%
Democrático	34%	17%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Autoria própria com base em dados de Marshall e Jaggers (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

as rebeliões e tomar o governo, ou então forçar uma secessão, na qual pleitearão independência de parte do antigo território.<sup>20</sup>

Na maioria dos casos, a ação coletiva dos rebeldes não se inicia com violência. Porém, quando o governo reage violentamente, com repressão e não-acomodação à dissidência pacífica, há uma elevação do nível de conflito; o que gera violência armada e posterior guerra civil (Mason 2004, p. 7).

Na Tabela 11, pode-se notar que o número de guerras civis diminui nos extremos da escala de repressão (gráfi-

co 2.6, em forma de U-invertido). Zero (0) corresponde a total desrespeito do Estado frente à integridade física da população e oito (8) o total respeito. Observa-se que o índice de respeito à integridade física dos cidadãos por país aumenta nos níveis intermediários, quando ainda há espaço de manobra do lado rebelde e a máquina de repressão do Estado não tem controle absoluto da situação. Porém, se o Estado reprime muito, o cidadão terá receio de se rebelar. Da mesma maneira, se o Estado tolera e inclusive respeita a integridade física dos cidadãos, estes poderão manifestar suas discórdias políticas pacificamente, sem necessidade de derrubar o governo. É semelhante ao tipo de regime que falamos anteriormente.

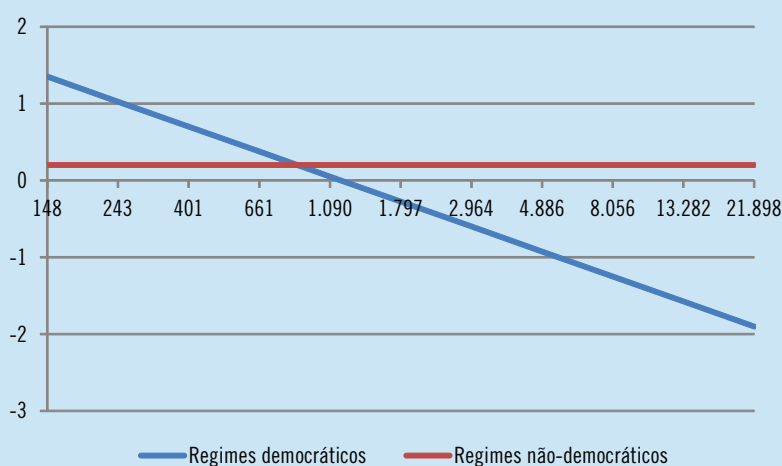
Quando há dissidência, geralmente a repressão aumenta. Mas os governos utilizam-se da repressão sem saber quais resultados serão alcançados, já que eles são variados (Davenport 2006). Alguns autores<sup>22</sup> utilizam apenas a variável tipo de regime político para explicar o início de guerra civil (como vimos no sub-item anterior), enquanto outros mostram que os níveis de repressão podem influir em conjunto com o tipo de regime político para determinar o início de guerra civil<sup>23</sup>. Apresentamos aqui caso que a variável repressão governamental interage com o tipo de regime.

Na Figura 3, representamos a interação do tipo de regime com o nível de repressão governamental, com a finalidade de prever o início de guerra.

Os custos associados à supressão da oposição e à tolerância têm a ver com o início de guerra civil. Dahl propõe

**Figura 2**  
**Risco de guerra civil em regimes democráticos e não-democráticos com rendas variadas**

Renda per capita x risco relativo de guerra civil



Fonte: Hegre (2003)

**Tabela 11**

## Índice de respeito à integridade física dos cidadãos pelos Estados e início de guerra civil

	Proteção à integridade física								TOTAL
	0 = sem proteção, 8 = total proteção								
	1	2	3	4	5	6	7	8	
Sem início de guerra civil	136	136	167	207	302	296	255	315	2069
Ocorrências de início de guerra civil	2	4	7	10	9	3	1	0	37
Total	138	140	174	217	311	299	256	315	2106

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Cingranelli e Richards (2005) e de Fearon e Laitin (2001).

como axioma, que é mais provável que o governo tolere uma oposição quando os custos de sua supressão aumentam e os custos esperados de sua tolerância diminuem (Dahl 1997). Inversamente, é possível supor que quando os custos da supressão da oposição diminuem e os da tolerância aumentam, o caminho para o início de guerra civil ou para a repressão unilateral do governo é mais curto e a chance de ocorrência desses eventos cresce bastante.

Na mesma linha, Boix argumenta em relação ao custo da repressão e ao tipo de regime. Se o custo da repressão é alto, os ricos aceitam a constituição democrática, e, numa democracia, o pobre não tem incentivo para se engajar em violência. Porém, se o custo da repressão é baixo, ela continuaria e não haveria violência coletiva por parte dos pobres (Boix 2004). Sendo assim, nenhum grupo que estivesse no poder o entregaria facilmente. Poderia, então, ocorrer uma negociação em que ambos os lados ganhariam e cederiam. Ou, ainda haveria a luta armada interna para captura do poder político. O início de guerra civil poderia ocorrer, provavelmente, caso o regime fosse híbrido e impusesse um alto nível de repressão, causando a reação de grupos dissidentes, os quais entrariam em choque com o Estado.

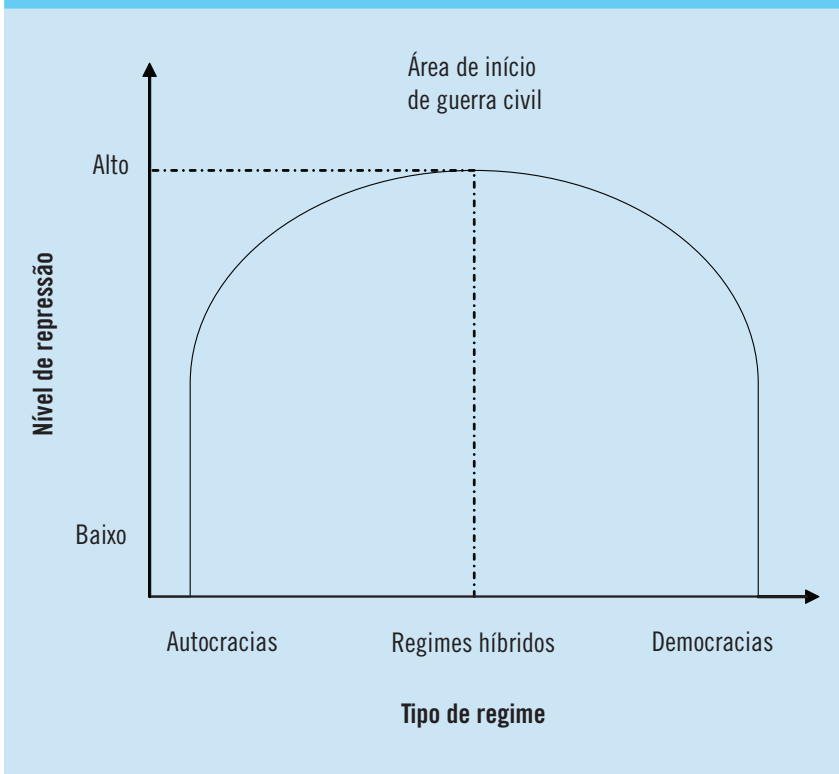
Porém, quando introduzimos a variável nível de repressão, notamos que ela pode ser endógena<sup>24</sup> em relação ao início de guerra civil, principalmente quando colocada no mesmo modelo do tipo de regime. Além disso, ela representaria muitos *missings* (1600), pois só há dados entre os anos 1981 e 1997. Ficariam faltando dados para 12 anos restantes por país.

Instabilidade política

Além do tipo de regime e do nível de repressão governamental, sua estabilidade é crucial para determinar o início de guerra civil, já que mudanças de regime podem propiciar a ação coletiva violenta, quando dissidentes esperam a oportunidade de agir. A instabilidade política pode representar essa oportunidade.

Operacionalmente, entende-se por

**Figura 3**  
Nível de repressão, tipo de regime e início de guerra civil



**Fonte:** Zimerman e Alves (2007, p. 14)

instabilidade política uma taxa de mudança maior que 2 unidades nos últimos 3 anos<sup>25</sup> da mensuração no nível democrático da variável *Polity*<sup>26</sup>.

Apesar de não ser tão clara na tabela descritiva seguinte essa associação, 3,5% dos países-ano que eram instáveis tiveram guerra civil, enquanto somente em 1,6% dos países estáveis politicamente ocorreu esse mesmo evento.<sup>27</sup>

O tipo de regime político, em conjunto e/ou interação com outros determinantes, poderia elevar ou reduzir o risco de eclosão de guerra civil. A instabilidade política pode gerar a oportunidade de violentas mudanças que deixariam o país vulnerável, facilitando o início da guerra. Apesar disso, essa variável não é endógena. A guerra civil poderia ter início com um golpe, sem a necessidade de instabilidade política anterior.

Observa-se que, dos 572 países-ano que tiveram instabilidade política, apenas 19 (ou seja, 3,5%) iniciaram guerra civil e 553 (ou seja, 96,5%) não entraram nessa categoria. Com isso, pode-se afirmar que a instabilidade política não levaria necessariamente a guerras civis e que, portanto, essa variável não é endógena.

### Fator geográfico

#### Área montanhosa

Terrenos de difícil acesso, como regiões montanhosas, por exemplo, podem facilitar a ação de grupos rebeldes e dificultar a ação de exércitos oficiais, favorecendo o início da guerra civil.<sup>28</sup> Em contrapartida, terrenos desérticos e planos dificultariam o abrigo e a proteção desses mesmos grupos, permitindo que as forças militares oficiais os reprimissem eficazmente e impossibilitassem sua insurgência.

Uma grande área montanhosa, em determinado país, pode não ser condição suficiente para o início de guerra civil, mas frequentemente é condição necessária para que tal evento ocorra (Fearon e Laitin 1999, p. 20).<sup>29</sup>

Na Tabela 13, podemos observar a área montanhosa de cada unidade país-ano, dividido por quartis (1 mostrando

países com pouca área montanhosa e 4 países com grande área ocupada por montanhas).

Observamos que a direção da tabela descritiva não é linear. Apesar de o último quartil exibir um número maior de início de guerra civil do que cada um dos 3 anteriores, não se pode afirmar que quanto maior a área montanhosa (ou mesmo a área florestal<sup>30</sup>), maior será o índice de guerras civis. Se assim fosse, como então explicar a queda do início de guerras civis do segundo para o terceiro quartil?

### Fator regional

#### Localização

Na área de política comparada e análise quantitativa, é usual contrastar regiões encontrando suas semelhanças e diferenças. Essa é uma prática comum da literatura discutida. Excepcionalidades de cada região podem ser analisadas separadamente. Quando se analisam muitos países de várias regiões, é sempre recomendável fragmentar os dados, se possível. Uma das regiões poderia apresentar um índice altíssimo de guerras civis enquanto outras apresentassem um número bem menor.

No caso de guerras civis, seria relevante focalizar regiões onde esse fenômeno é mais freqüente. Portanto, poderiam ser retirados países com renda elevada (como vimos em item anterior). Primeiramente, o até então chamado Terceiro Mundo foi foco de estudo como região economicamente menos privilegiada e em grande parte agrária ou semi-agrária, ou em desenvolvimento (Ellingsen e Gleditsch 1997; Lott 1979). Outros estudos focalizaram especificamente a América Latina (Trejo 2004) e América Central, em razão das várias guerras civis ocorridas nessa região (Brockett 1991, 1992; Seligson 1995). O mesmo ocorreu com a África (Elbadawi e Sambanis 2000b; Collier e Hoeffler 2002a; Sambanis 2001), considerada por muitos, em conjunto com a Ásia (Popkin 1979), como o berço das guerras civis.

### Conclusão

Neste artigo, foram apresentadas as variáveis com as quais a literatura quantitativa trata no contexto de sua associação com o início de guerras civis. Como podemos observar, essa literatura é nova e muitas das variáveis estão em discussão. Alguns dos temas foram pouco analisados e a área ainda é considerada em estágio inicial. Mesmo que esse tipo de literatura (quantitativa) necessite de dados para poder evoluir, a parte teórica não é menos relevante e ela também se encontra em fase incipiente.

No Brasil, essa literatura é inexistente e, portanto, os poucos autores que tratam do tema das guerras civis na abordagem quantitativa tem dialogado com a comunidade acadêmica internacional. Portanto, a divulgação no país de tal discussão é necessária para que se constitua um corpo iniciante que leve tal debate a nível nacional.

Por vezes, confundem guerra civil com a situação de in-

**Tabela 12**  
**Instabilidade política e início de guerra civil**

	Instabilidade política		TOTAL
	0	1	
Sem início de guerra civil	3082	553	3635
Ocorrências de início de guerra civil	50	19	69
Total	3132	572	3704

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Marshall e Jaggers (2003) e de Fearon e Laitin (2001).

**Tabela 13****Área montanhosa e início de guerra civil**

	Área montanhosa				TOTAL
	1	2	3	4	
Sem início de guerra civil	915	896	926	900	3637
Ocorrências de início de guerra civil	9	20	15	25	69
Total	924	916	941	925	3706

**Fonte:** Autoria própria com base em dados de Fearon e Laitin (2001).

segurança atual em que vivemos nacionalmente, cujo número de homicídios supera países que se encontram nesse tipo de beligerância. No entanto, o que ocorre no Brasil não pode ser incluído no rótulo da guerra civil, já que não coincide com as definições que evocamos no início deste trabalho, nem com os atributos que tal nomenclatura deve constituir.

Não obstante, em nossa história, passamos por momentos de conflitos que se assemelham aos descritos, como a Cabanagem (Grão-Pará, 1935-40), Sabinada (Bahia, 1937-8), Balaiada (Maranhão 1938-41), Farrapos (Rio Grande do Sul, 1935-45). Porém, isso é matéria para outro artigo.

## Notas

<sup>1</sup> Extraído do original: “...perhaps the most important reason that political scientists should study civil war is that it represents the most poorly understood system failure in domestic political processes; it is a disruption of social norms that is unparalleled in domestic politics and has important implications for the stability of regional systems and the maintenance of international security” (Sambanis 2001, p.4).

<sup>2</sup> GDPEN é o PIB/população total do país, com base nas PWT 5.6 (Penn World Tables), WDI 2001 (World Development Index, do Banco Mundial), e em dados de consumo de energia do COW (Correlates of War), em quartis. Em geral, esse índice indica a renda *per capita* da população.

<sup>3</sup> Com uma população bem menor na Argentina em comparação com o Reino Unido, o nível de renda média na Argentina tende a ser puxado para cima.

<sup>4</sup> A renda, nessa investigação, não é representada por uma medida contínua dividida por faixas de valor, mas por quartis.

<sup>5</sup> O perfil das massas, na maioria das vezes, é formado por jovens masculinos de baixo poder aquisitivo.

<sup>6</sup> Índice calculado pelo Banco Mundial, indicando que, independentemente do montante de dinheiro das pessoas em determinado país, pode-se comprar os mesmos produtos.

<sup>7</sup> Ou melhor, que não iniciaram guerra civil. Caso o país tenha iniciado esse tipo de guerra e permaneça nela (a partir do segundo ano), a unidade país-ano não constará como início de guerra civil.

<sup>8</sup> Ajudas internacionais consideradas baixas (até 25% do valor total).

<sup>9</sup> Ajudas internacionais altas (que superam 75%).

<sup>10</sup> Por exemplo, “entre 1970 e 2002 foram injetados nos países do sul do Saara, na África, 294 bilhões de dólares em empréstimos. Nesse mesmo período, eles pagaram de volta 268 bilhões de dólares e acumularam, após juros, mais 210 bilhões dessa dívida. Por que esses

bilhões ingressados nesses países da África, durante a Guerra Fria, foram tão mal empregados? A suspeita é que essa ajuda internacional paralisa, ao invés de ajudar” (Wiedemann e Thielke 2005). Assim, a grande pergunta, nesse caso, é: qual o papel da ajuda internacional – reduzir o sofrimento e, com isso, a potencial ocorrência de guerra civil, ou fomentar seu início para injetar dinheiro aos que lucram com a violência?

<sup>11</sup> Sugerido (em 2004) por José Cheibub, Universidade Yale, CT, para sanar problemas decorrentes do recorte temático.

<sup>12</sup> Estas com características coletivas e ideológicas, o que explicaria a ocorrência das guerras civis decorrentes do sentimento de injustiça.

<sup>13</sup> Além disso, os dados podem ter sido apenas parcialmente coletados por alguns bancos da área, não estando completos e, assim, prejudicar a análise.

<sup>14</sup> No entanto, não temos dados referentes ao tamanho dos grupos e ao grau de polarização entre eles para realizar uma pesquisa abrangente.

<sup>15</sup> Veremos esse tema com maior profundidade no próximo item, “Fatores políticos”.

<sup>16</sup> *Anocracia*, ao pé da letra, quer dizer, sem governo. No entanto, quando a literatura se refere a esse fenômeno, na verdade quer dizer com um governo com características autocráticas e democráticas ao mesmo tempo e, assim, a denominação “regime híbrido” se adapta melhor a esse conceito.

<sup>17</sup> Não foram encontrados dados para relacionar regimes híbridos e renda.

<sup>18</sup> Esse tema faz parte da literatura sobre revolução agrária que insere-se nesse contexto.

<sup>19</sup> Apesar de que há autores que questionam a necessidade de grande número de combatentes para que se dê a guerra civil. Com apenas 2% da população ativa e 98% “passivamente simpática” (Desai e Eckstein 1990, p.442), a rebelião pode ter êxito e se transformar em guerra civil. De qualquer maneira, os rebeldes que fazem parte do campesinato raramente excedem 10% da população camponesa (Wolf 2003, p. 62).

<sup>20</sup> Mesmo que possa ocorrer guerra civil com 2-10% da população civil como combatentes, é necessário um apoio massivo da população à causa rebelde de muitas formas:

ela pode auxiliar as organizações rebeldes escondendo seus membros, oferecendo comida e abrigo, passando informações, informando erroneamente o exército oficial e não denunciando os rebeldes. A neutralidade pode ser positiva para a organização rebelde. As interações sociais da população rural com essas organizações são muito maiores na guerrilha e na insurreição civil do que na guerra convencional, principalmente pelo fato de os rebeldes dependerem bastante da população local para conseguirem avanços militares.

<sup>21</sup> O gráfico da curva U-invertida foi realizado com base nos dados retirados do banco de Cingranelli e Richards (2005) para o período 1981-1997. A repressão governamental foi a única variável para a qual não havia disponibilidade de dados desde o período inicial proposto (1969).

<sup>22</sup> Como Hegre *et alii.* (2001).

<sup>23</sup> Zimerman e Alves (2007).

<sup>24</sup> Sendo assim, ela pode comprometer os resultados da análise (endogeneidade de autocracia – alta repressão; democracia – baixa repressão; regime híbrido – médio nível de repressão).

<sup>25</sup> Por exemplo, se o regime do país  $x$ , no ano  $y$ , obtiver a pontuação 3 (ou seja, regime híbrido, que vai de -5 a +5) da variável *Polity*, e no ano  $y + 2$  a pontuação mudar para 6 (ou seja, regime democrático, que vai de +6 a +10), ocorre instabilidade política no país. Da mesma maneira, a mudança inversa (redução de pontos do *Polity*) é caracterizada como instabilidade.

<sup>26</sup> O mesmo conceito aplicado anteriormente aos regimes políticos pode ser aplicado à instabilidade política, já que ambos se originam da mesma construção operacional.

<sup>27</sup> 3,5% calcula-se pela equação 19/572, enquanto 1,6% calcula-se pela equação 50/3132.

<sup>28</sup> Além disso, terrenos de difícil acesso também podem contribuir para longa duração das guerras civis (em anos a fio), como podemos perceber em certas regiões do globo.

<sup>29</sup> Fearon e Laitin (1999) referem-se à guerra civil de tipo étnica, na qual um grupo minoritário homogêneo é marginalizado e levado ao conflito. Porém, esse raciocínio serve igualmente para o início de guerra civil em geral, principalmente se for rural e se seus participantes forem camponeses, pois montanhas e florestas servem de refúgio aos contra-ataques e à repressão do Estado.

<sup>30</sup> Tanto a área montanhosa como a florestal, nesse caso, teriam a mesma serventia, ou seja, proteção dos rebeldes de forças do Estado, pelo difícil acesso e esconderijo.

## Referências

BOIX, C. Political violence. Paper prepared for the *Yale Conference on Order, Conflict and Violence*. April 30<sup>th</sup>-May 1<sup>st</sup>, 2004;

BROCKETT, C. D. Measuring political violence and land inequality in Central America. *The American Political Science Review*. 86(1), 1992, pp.169-176;

BROCKETT, C.D. The structure of political opportunities and peasant mobilization in Central America. *Comparative Politics*, 23(3), April 1991, pp.253-274;

C.I.A., *The World Factbook*, <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/>;

CINGRANELLI, D. L.; RICHARDS, D. L. *The Cingranelli-Richards (CIRI) Human Rights Dataset*. 2005, <<http://www.humanrightsdata.com>>;

COLLIER, P.; et al. *Breaking the Conflict Trap: Civil War and Development Policy*. World Bank & Oxford University Press, Washington DC, 2003;

COLLIER, P. Implications of ethnic diversity. *Economic Policy*, 32, April, 2001, <<http://econ.worldbank.org/programs/conflict/library/doc?id=3164>>;

COLLIER, P.; HOEFFLER, A. On the Incidence of Civil War in Africa. *Journal of Conflict Resolution*, 46(1), February, 2002a, <[http://econ.worldbank.org/files/3109\\_Incidence\\_Collier\\_Hoeffler.pdf](http://econ.worldbank.org/files/3109_Incidence_Collier_Hoeffler.pdf)>;

\_\_\_\_\_. Greed and Grievance in Civil Wars. *Working Paper Series*. 2002-01, Centre for the Studies of African Economies, Oxford, UK, 2002b, <<http://www.csaee.ox.ac.uk>>;

DAHL, Robert A. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: Edusp, 1997; DAVENPORT, C. *Minorities at Risk*. Center for International Development and Conflict Management, University of Maryland, 2003, <<http://www.cidcm.umd.edu/inscr/mar/home.htm>>;

DESAI, R.; ECKSTEIN, H. Insurgency: the transformation of peasant rebellion. *World Politics*, 42(4), 1990, pp.441-465;

ELBADAWI, I.; SAMBANIS, N. How Much War Will We See? Estimating the Incidence of Civil War in 161 Countries. *Journal of Conflict Resolution*, 46, April, 2002a;

\_\_\_\_\_. Why are There so Many Civil War in Africa? Understanding and Preventing Violent Conflict. *Journal of African Economies*, 9(3), December, 2000b, <<http://www.worldbank.org/research/conflict/papers/eca2000.htm>>;

ELLINGSEN, T. Colorful Community or Ethnic Witches' Brew? Multiethnicity and Domestic Conflict During and After the Cold War. *Journal of Conflict Resolution*, 44(2), April, 2000;

ELLINGSEN, T.; GLEDITSCH, N. P. Democracy and Armed Conflict in the Third World. IN Ketil Volden and Dan Smith (eds.). *Causes of Conflict in the Third World*. International Peace Research Institute, Oslo, 1997;

FEARON, J. D.; LAITIN D. D. *Additional Tables for 'Ethnicity, insurgency, and civil war'*. Department of Political Science, Stanford University, 2003;



- FEARON, J.D.; LAITIN, D. *Ethnicity, Insurgency, and Civil War*. first draft to be presented at the first LiCEP meetings in Duke University, 2001;
- FEARON, J.D.; LAITIN, D. *Weak States, Rough Terrain, and Large-Scale Ethnic Violence Since 1945*. Manuscrito não-publicado, Stanford, CA, 1999, <<http://www.stanford.edu/group/ethnic/workingpapers/insurg1.pdf>>;
- GATES, S. *Empirically Assessing the Causes of Civil War*. Paper presented in the Annual meeting of the International Studies Association, New Orleans, March, 24<sup>th</sup> -27<sup>th</sup>, 2002;
- GATES, S.; BUHAUG, H. The Geography of Civil War". *Journal of Peace Research*. 39(4), 2002;
- GLEDITSCH, N. P. *et al.* Armed Conflict 1946-2001: A New Dataset. *Journal of Peace Research*. 39(5), 2002, <<http://www.prio.no/cwp/ArmedConflict/>>;
- GURR, T.R. *Why Men Rebel*. New Jersey: Princeton University Press, 1970;
- HEGRE, H. Et alli. *Disentangling Democracy and Development as Determinants of Armed Conflict*. Artigo apresentado no Annual Meeting of International Studies Association. 27 February, 2003, Portland, Oregon, <[http://econ.worldbank.org/files/24637\\_ddc-wwb.PDF](http://econ.worldbank.org/files/24637_ddc-wwb.PDF)>;
- HESTON, A.; SUMMERS R.; ATEN, B. *Penn World Table Version 5.6*, Center for International Comparisons at the University of Pennsylvania (CICUP), October 2002, <http://pwt.econ.upenn.edu/>
- HOMER-DIXON, T.F. *Environment, Scarcity and Violence*. NJ: Princeton, Princeton University Press, 1999;
- KALYVAS, N.'New' and 'Old' Civil Wars: A Valid Distinction?. *World Politics*. 54, October, 2001;
- KALYVAS, S. *The Logic of Violence in Civil War*. March, 2000, pp. 1-41, <<http://www.duke.edu/web/licep/1/kalyvas/kalyvaspaper.pdf>>;
- LE BILLON, P. The political ecology of war: Natural resources and armed conflicts. *Political Geography*, 20(5), 2001, pp.561 - 584;
- LOTT, C. E. *Land Concentration in the Third World: Statistics on Number and Area of Farms Classified by Size of Farm*. Wisconsin: Land Tenure Center, compilation of data, Training & Methods Series, n.28, April 1979;
- MARSHALL, M. G.; JAGGERS, K. *Political Regime Characteristics and Transitions, 1800-2002*. CIDCM, University of Maryland, 2003, <<http://www.cidcm.umd.edu/inscr/polity/>>;
- MASON, T. D. *Caught in the Crossfire: Revolutions, Repression, and the Rational Peasant*. Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2004;
- MASON, T.D. *Sustaining the Peace: Determinants of Civil War Recurrence*. a ser apresentado na Annual Meeting of the American Political Science Association, 2003;
- POPKIN, S. L. *The Rational Peasant: The Political Economy of Rural Society in Vietnam*. University of California Press, 1979.
- REYNAL-QUERROL, M. Ethnicity, Political Systems and Civil Wars. *Journal of Conflict Resolution*. 46(1), February, 2002, <<http://www.eldis.org/static/DOC9525.htm>>;
- RUMMEL, R. J. *Death by government*. N.J.: Transaction Publishers, 1994;
- SAMBANIS, N. *A Review of Recent Advances and Future Directions in the Quantitative Literature on Civil War*. Trabalho apresentado na the Brookings Institution Workshop on Civil Violence, 26 January, 2001;
- SELIGSON, M. A. Thirty years of transformation in the agrarian structure of El Salvador. *Latin American Research Review*. 30(3), 1995, pp.43-74;
- SØRLI, M.E.; GLEDITSCH, N.P.; STRAND, H. Why is there so much conflict in the Middle East? *Journal of Conflict Resolution*, 49(1), February 2005, pp.141 - 165;
- TREJO, G. *Why the Catholic Church creates popular movements in Latin America: Religious competition, reputation deficits, and credible commitments*. Unpublished paper, 2004;
- VANHANEN, T. *Democratic Peace and Ethnic Violence*. Trabalho apresentado na IV Pan-European International Relations Conference, University of Kent at Canterbury, 8-10 September, 2001, <[http://athena.leidenuniv.nl/fsw/bestuurskunde/onderzoek/ecpr/content\\_docs/working\\_papers/vanhanen.doc](http://athena.leidenuniv.nl/fsw/bestuurskunde/onderzoek/ecpr/content_docs/working_papers/vanhanen.doc)>;
- WIEDEMANN, E.; THIELKE, T. Too much of a good think: Choking with aid money in Africa. *Der Spiegel*. 4<sup>th</sup> July, 2005, n.27, <<http://service.spiegel.de/cache/international/spiegel/0,1518,363604,00.html>>;
- WOLF, ERIC R. Peasants and revolutions. IN: Jack A. Goldstone (ed.). *Revolutions: Theoretical, Comparative, and Historical Studies*. US: Wadsworth/Thomson Learning, 2003, pp.55 - 63;
- WORLD BANK. *The Economics of Civil Wars, Crime, and Violence: Motivation*.2001, <<http://www.worldbank.org/research/conflict/motivation.htm>>;
- ZIMMERMAN, A.; ALVES, H. R.C. *Governmental Repression and Likelihood of Civil War Onset: World Analysis, 1981-1997*. Revista de Ciencia Política, 27(2) 2007, PUC, Santiago do Chile, pp.49-63.